

WESLEY ARAGÃO DE MORAES

MO

O
C
UL
TI
S

E SEUS CAMINHOS

A Cosmvisão Oculta, as diversas tradições e sua
conexão com o Logos Universal temas para um buscador



Livro para ser Livro

OCULTISMO E SEUS CAMINHOS

Copyright © 2017 de Wesley Aragão de Moraes

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução de parte ou do todo, qualquer que seja a forma.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Direção editorial: Júlia Bárány

Revisão de texto: Barany

Editora Preparação: xxxxxx

Capa e Projeto gráfico: Lumiar Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

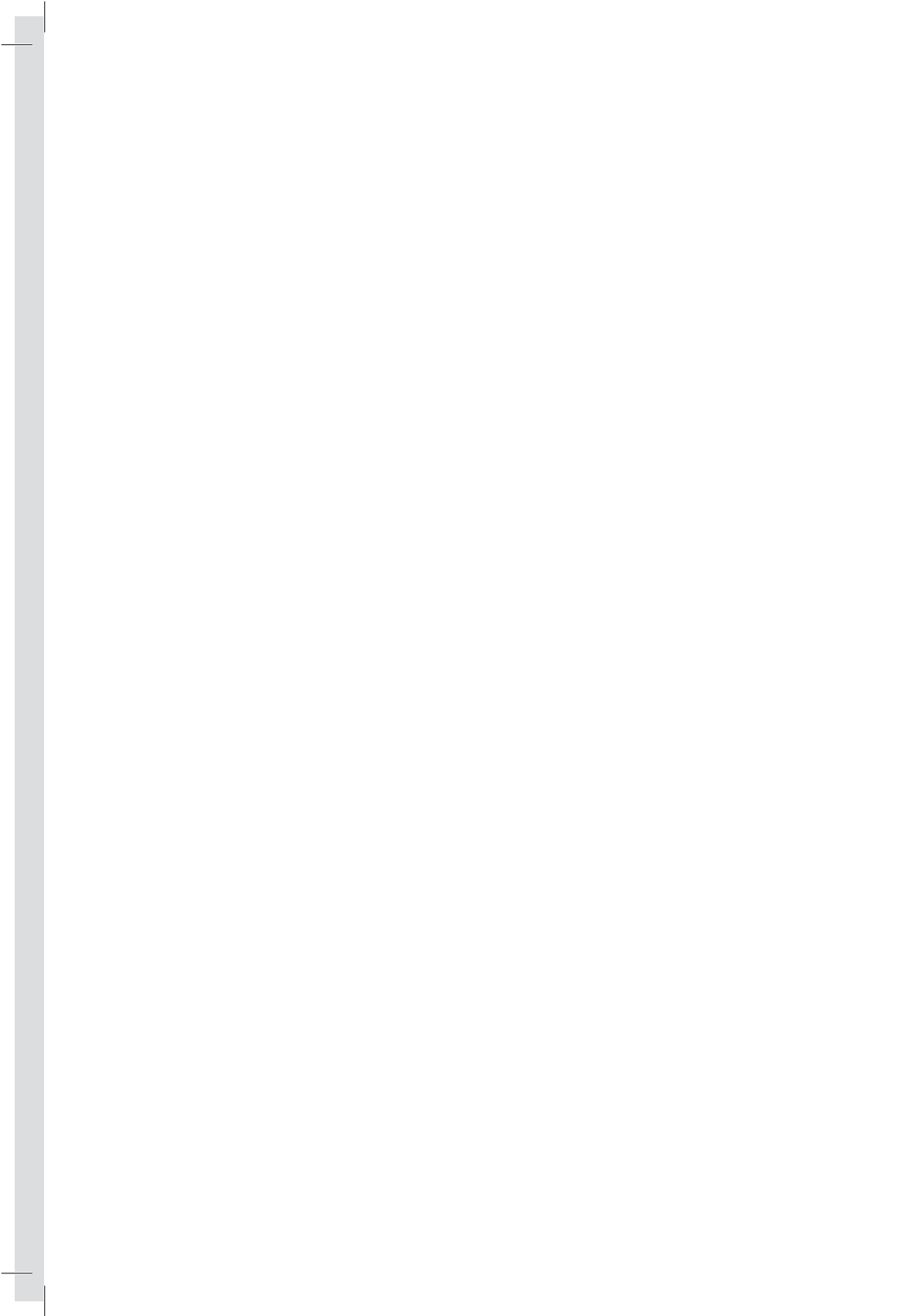
(Elaboração: Jaçanã E. Pando CRB 10/1936)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

Todos os direitos desta edição reservados
à Barany Editora © 2017
São Paulo - SP - Brasil

4 WESLEY ARAGÃO DEMORAES

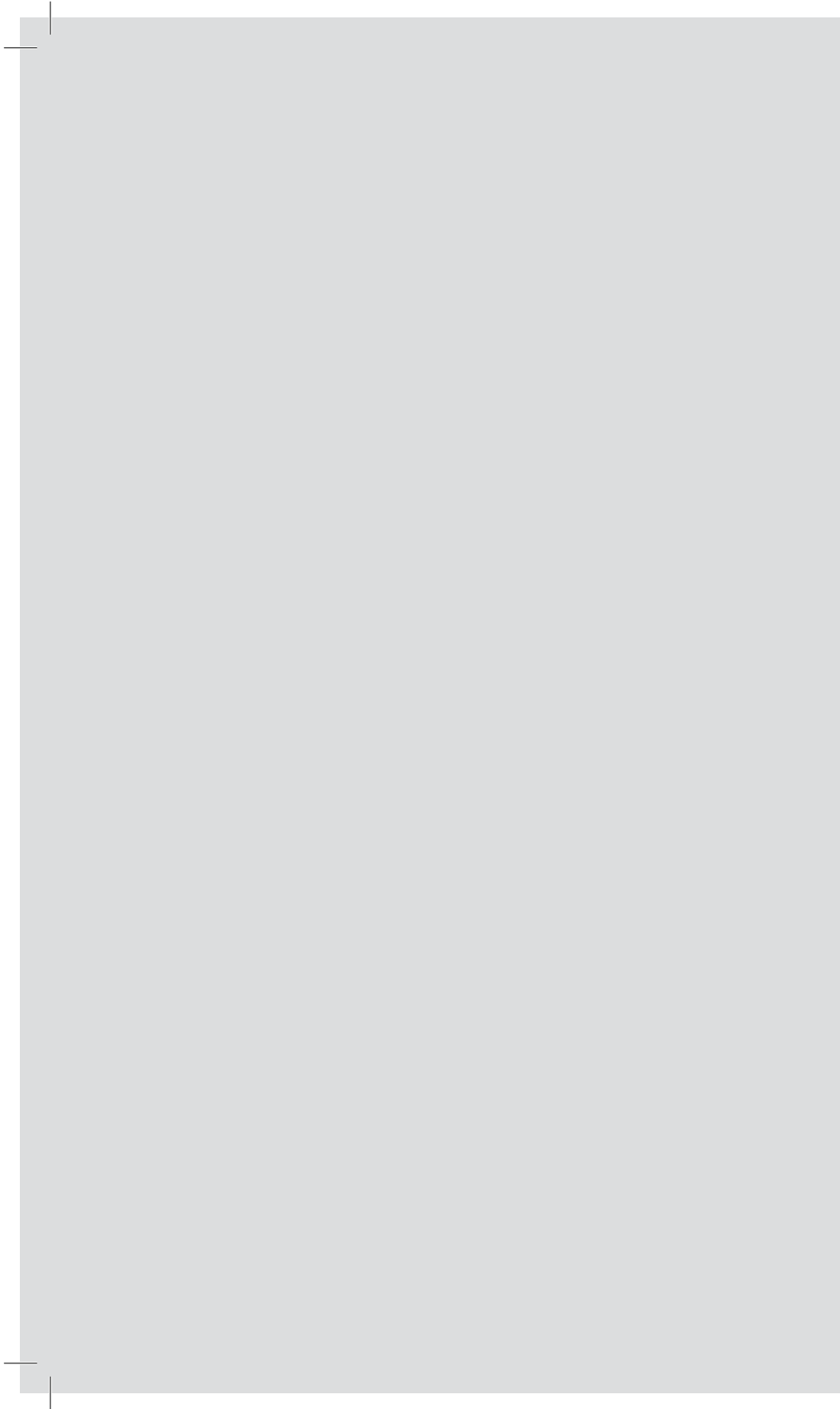
contato@baranyeditora.com.br



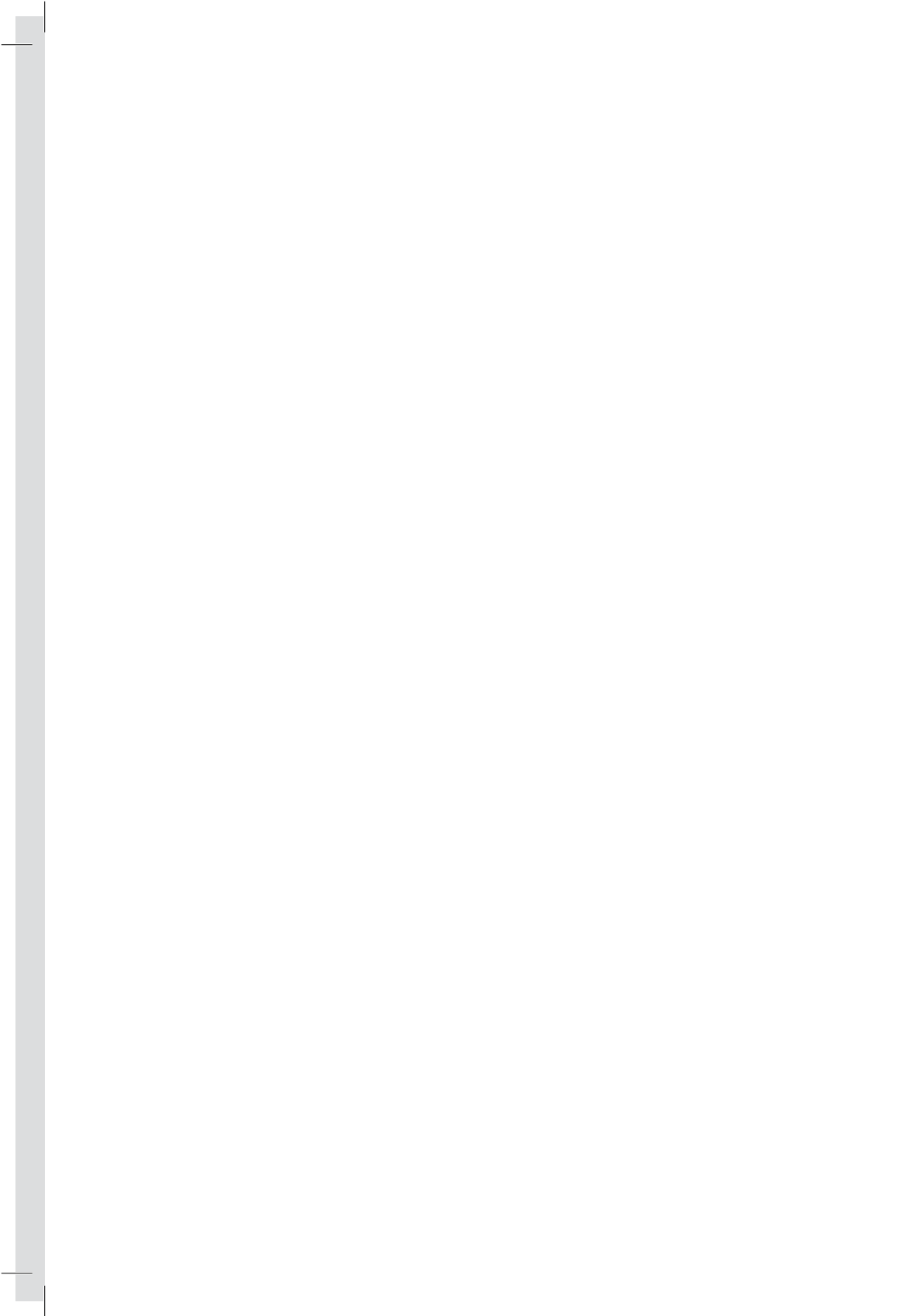
ÍNDICE

OCULTISMO CLARIVIDÊNCIA E INICIAÇÃO
A CONSTITUIÇÃO OCULTA DO SER HUMANO
A ORIGEM E A HISTÓRIA DO MUNDO SEGUNDO O
OCULTISMO A HERANÇA ESPIRITUAL DA MÃE ÍNDIA
KRISHNA, O BHAGAVAD GITA E O ENCONTRO
EU-EGO JESUS E O BUDISMO ESOTÉRICO
CRISTO CÓSMICO E JESUS, O INICIADO: O CRISTIANISMO
ESOTÉRICO O OCULTISMO MÁGICO INDÍGENA E O DA
MAE ÁFRICA

O OCULTISMO EUROPEU DOS SÉCULOS
MODERNOS A VIDA MEDITATIVA







PREFÁCIO

Escrevo estas linhas de forma direta, sem citações, sem referências, como alguém que apenas relata o que aprendeu, o que pensei, o que vivenciei, o que concluí. A maior parte dos temas que aqui coloco provém de debates, conversas e questionamentos junto a pessoas interessadas, participantes de encontros e cursos, etc.

Ocultismo não é uma religião, como procuro demonstrar no texto, mas uma forma de espiritualidade aberta.

Minha bagagem como estudante do oculto é, em resumo, a minha biografia. Na juventude, conheci e jamais abandonei as tradições indianas da yoga e os ensinamentos maniqueus belíssimos de Ramakrishna, o iniciado indiano que pregava a unidade entre todas as tradições espirituais do planeta e foi mestre de Vivekananda. Ramakrishna também ensinava que a melhor forma de espiritualidade é compartilhar o belo, o bom e o verdadeiro com as pessoas, pelo simples prazer de compartilhar. Depois disto, conheci, através de familiares, o espiritismo, ao qual devo uma visão simples e esquemática do universo e da constatação de que a morte é uma ilusão. Considero o espiritismo uma forma simplificada de ocultismo. Num terceiro momento, já na faculdade de medicina, conheci a antroposofia de Rudolf Steiner, que considero um grande ocultista. Concomitantemente conheci

a teosofia de Helena Blavatsky e outros ocultistas de diferentes tradições. E assim, apaixonado pelo mundo do oculto, tornei as práticas meditativas e as grandes visões do cosmo e do ser humano parte importante da minha vida – inclusive da minha vida profissional como médico. Conheci também a espiritualidade do

indígena brasileiro, como estudante de antropologia em minhas viagens ao Xingu e no contato com os pajés. Assim me foi mostrada a face brasileira do oculto, elemento que considero importante divulgar e resgatar.

É com este espírito e este conteúdo que aqui me aventuro e ouso...

Espero que o que aqui tenha sido colocado seja útil ao caminhante do espírito em sua busca.

Wesley Aragão de Moraes

8 WESLEY ARAGÃO DE MORAES

1. OCULTISMO CLARIVIDÊNCIA E

INICIAÇÃO O que é Ocultismo?

É um conhecimento não reconhecido pelo pensamento modelado pela academia e nem pelas ortodoxias religiosas, que trata das raízes ocultas da realidade, ou do lado não sensorial das coisas, dos seres, do tempo e do espaço. Oculto significa aquilo que não é tão evidente aos olhos e aos sentidos normais, mas que existe de modo sutil por trás e na estrutura íntima da realidade comum. O oculto torna-se revelado por vias de investigação que abrangem diferentes níveis: desde o imagético, passando pelo racional dedutivo até o despertar de sensibilidade latente ao sutil.

Por que Oculto?

Oculto aqui não é o conhecimento, tanto que está em pleno processo de publicação. O oculto são os fundamentos do universo por trás daquilo tudo que é manifesto. O oposto de oculto é manifesto. A vida, como a percebemos do modo materialista, é o manifesto. O oculto é o que exigiria uma

sensibilidade mais profunda para ser percebido por trás e como essência do manifesto.

Ocultismo seria o mesmo que Mística?

Sim e não. Depende do que se entende pelo largo termo *mística*. Esta palavra vem do grego *místés* que também originou

mistério, além de místico. Os mistérios eram rituais teatralizados, em sua maioria, celebrados pelos povos antigos como forma de assim repassarem experiências e conhecimentos referentes aos planos sutis do universo ou da interioridade humana. Um místico (originalmente, *mistes*) era um iniciado, ou seja, alguém que havia vivenciado algum destes mistérios. Com o tempo, a palavra *místico* teve seu sentido ampliado e passou a incluir também aquelas pessoas que, de alguma forma, passam por experiências de cunho psíquico ou espiritual. Santos passaram a ser nomeados místicos. Nem sempre uma pessoa santa é um ocultista ou um iniciado em algum mistério antigo ou mais moderno. A santidade é mais um conceito católico e também das facetas exotéricas de religiões como o judaísmo, o hinduísmo e o islã. Para o ocultista em busca do conhecimento das coisas ocultas, a santidade é uma venerável e desejável virtude da alma. Mas o objetivo final do ocultismo não é a santidade e sim o conhecimento. Entretanto, os iniciados mais elevados reconhecidos pela história geralmente são também seres humanos portadores de considerável grau de santidade. É que o ocultismo propõe um aperfeiçoamento da personalidade terrena que, por esforço, dedicação e disciplina, pode também implicar na transformação moral da pessoa, que se daria de encarnação em encarnação, em grau crescente. Por outro lado ainda, há santos e santas assim considerados dentro das tradições religiosas diversas, que assim se tornam por uma

intensa sensibilidade e fidelidade anímicas ao sagrado, sem que tenham necessariamente conhecimento das coisas ocultas.

Esotérico e Exotérico, o que significam os termos?

Há mais de um sentido em cada um. *Esotérico* pode significar a interioridade humana, o caminho interior, em contraposição ao *exotérico*, como o caminho exterior, para o Cosmo. Em ou-

10 WESLEY ARAÇÃO DE MORAES

tro sentido, *esotérico* é a interpretação mais simbólica e profunda dos textos de uma tradição, enquanto *exotérico* seria a interpretação literal e superficial dos mesmos textos. Portanto, se falamos de um cristianismo esotérico, por um lado nos referimos a um caminho interior meditativo desta tradição ou a uma interpretação simbólica mais complexa dos textos e das imagens cristãs. Por outro lado, um cristianismo exotérico seria tanto um aspecto cosmológico do cristianismo, a atuação de um Logos cósmico no Macrocosmo, ou também, bem diferente disto, uma interpretação mais ao pé da letra dos textos e das imagens ditas cristãs.

Ocultismo seria o mesmo que Clarividência?

Não. Ocultismo é a teoria, um corpo de conhecimento. Clarividência seria um dos sentidos não comuns através do qual o indivíduo percebe fenômenos normalmente não perceptíveis. Há diversos tipos de clarividência, uns mais precisos e outros mais subjetivos e imprecisos.

Existem mesmo qualidades diferentes de clarividência e clari- que não são vidência (clariaudiência, por exemplo). Iniciação significa, tradicionalmente, o processo de aprimoramento do indivíduo em todos os sentidos, como ser humano, como ser espiritual, como ser social, como ser em evolução no Cosmo,

etc. O objetivo da iniciação não é a clarividência, mas é aproximar o Espírito (ou Eu) da Alma (ou ego). A clarividência pode ou não surgir neste processo como algo geralmente desejável, em segundo plano. Por Espírito, refiro-me ao ser eterno dentro do indivíduo, aquele que, na visão do próprio ocultismo, existe antes de nascer e continua existindo após a morte terrena da Alma, que constitui o ego. O melhor do ser humano brota da conexão entre o Espírito Eterno que ele é e o seu ego, que é a Alma terrena constituída desde a vida embrionária por um corpo denso, um

corpo de vitalidade, um corpo anímico e uma estrutura de consciência dentro deste último, o ego ou ainda eu inferior, como é tradicionalmente nomeado.

Clarividência é um termo limitado, porque parece dizer que é uma forma diferente de visão. Nem toda experiência clarividente é visual, como se a pessoa estivesse vendo formas que de outro modo seriam invisíveis. Há uma gama de experiências sutis possíveis que não são visuais. Podem ser auditivas, intuitivas (o sexto sentido e suas variantes), táteis (sensação de arrepio ou de presenças sutis), e mesmo gustativas e olfativas. Os ocultistas europeus gostaram sempre do termo clarividência porque o homem ocidental é muito ligado à visão, à certeza do que ele vê é real e do que ele não vê é irreal. Daí o ditado “ver para crer”. Mas pode-se perceber muita coisa, vendo que é real, sem estar vendo nada, ou vendo também.

Existem assim muitas formas e graus de percepção sutil, que seria uma expressão mais adequada do que clarividência. É perceber coisas sutis que normalmente não são perceptíveis.

A maioria das pessoas possui essa percepção sutil pelo menos em graus mínimos. É um dom, pode-se dizer feminino, ou seja, exige uma sensibilização humana. As pessoas têm acesso

até através de sonhos, que são portas para percepções sutis, além da consciência de vigília. Aqui já temos uma distinção importante: clarividência de consciência de vigília e clarividência de sonho ou onírica. Vamos chamar de apolínea a de vigília, e de dionísica a de sonho.

A percepção sutil dionísica é a mais antiga e natural. Foi a primeira forma de percepção humana daquilo que se tornou hoje invisível, inaudível e intocável. Ela é muito ligada ao feminino, tem muita relação com a estrutura mais solta do corpo etérico (o corpo de vitalidade que torna o corpo físico vivo) e com os

12 WESLEY ARAGÃO DE MORAES

hormônios corporais e a estrutura genética do sistema nervoso. Sendo herdada, é aquele tipo de dom de mulheres videntes, médiuns benzedeiros, as rezadeiras piedosas que têm percepções sutis. É também a de muitos curandeiros nativos e pajés. Todos têm em algum grau este tipo de sensibilidade, em alguns é forte e em outros é quase nulo, mas têm. As mulheres geralmente têm mais do que os homens, e as crianças também. Isto porque o corpo etérico¹ mais amplo e solto facilita isto. O corpo etérico é uma extensão sutil do corpo físico, neste sentido, que funciona como uma antena captadora de impressões sutis. As pessoas surtadas têm o corpo etérico deslocado em relação ao físico, e por isto no meio do delírio e da alucinação do quadro psiquiátrico se misturam percepções sutis. Há processos culturais nativos para ampliar este tipo de percepção, através de rituais, de ervas, de treinos. O problema desta clarividência dionísica-feminina é ter um forte grau de subjetividade no que a pessoa percebe e a falta de garantia de controle consciente das percepções. O vidente dionísico como que mistura o seu mundo cultural interior com a percepção objetiva sutil. Assim, por exemplo, o pajé indígena que tem o dom da visão de elementais

(*mamaês*, na terminologia dos indígenas xinguanos), quando vai à Europa percebe os elementais europeus nos mesmos trajés e formas que ele vê na sua aldeia – na Europa os elementais são diferentes dos daqui, eles mudam a forma e a expressão conforme o lugar e a cultura. Mas como o vidente nativo projeta muito da sua vida interior no que ele percebe fora, ele os vê do mesmo modo que os veria aqui. Eles não são iguais, embora, em certo sentido subjetivo, o são. Acontece muito também de um vidente dionísico captar o inconsciente dele próprio ou o inconsciente de outra pessoa e o projetar para fora, como se fosse uma visão. Então ele dirá que viu o que na verdade ele ou a outra

1. Ver página 25(?) para explicação do que é o corpo etérico.

pessoa sentem ou desejam e não o que é de fato real, objetivo. Mas ele não distingue isto. Quando este tipo de vidente percebe o mundo dos mortos, por exemplo, ele poderá projetar no que percebe muito do que ele mesmo vive em seu ambiente, e acreditará que lá é como aqui. É mas não é – isto é bem complicado. Falta, neste tipo de vidência intuitiva natural, um discernimento claro e presente dos elementos que separam o objetivo do subjetivo – ele confunde os dois como acontece nos sonhos. Por isto, os iniciados recomendam treinar o estudo (*swadiaya*, na expressão oriental em sânscrito), a consciência pensante dos elementos, o discernimento acordado, para que, munida disto, a pessoa consiga separar o objetivo do subjetivo. Steiner² enfatizava muito isto, mas em geral todo iniciado enfatiza. Quem não enfatiza são os videntes-médiuns e os pais de santo e rezadores em geral.

O outro tipo de percepção sutil mais consciente, apolíneo, é muito difícil de alcançar, e depende até mesmo do que foi conseguido em encarnações anteriores com relação a esta

consciência acordada. É uma forma mais recente de percepção do sutil, na evolução da humanidade. O Eu tem que se aproximar do ego e modificá-lo para isto – não é apenas treino intelectual, mas treino de consciência acordada do Eu conectado ao ego (refazer o *antahkarana*, o elo que une Eu e ego). Não é apenas saber conceitos e possuir erudição em ocultismo, mas praticar um treino meditativo que nada tem a ver com clarividência, mas com o que no budismo se chama *satipatana* (consciência plena acordada). Aliás, a meditação budista *satipatana* é um ótimo caminho para isto, embora não seja o objetivo do budismo despertar clarividência. As pessoas que a praticam, em pouco tempo começam a

2.Steiner, Rudolf, (1861-1926), filósofo austríaco, fundador da Antroposofia, com ampla aplicabilidade em diversas áreas da atividade humana, como pedagogia, artes, organização social, medicina, farmacologia, agricultura, economia.

14 WESLEY ARAÇÃO DE MORAES

sentir não necessariamente que estão tendo visões, mas que a sua percepção sutil e a sua vida intuitiva aumentaram. Basicamente, o processo consiste em que a pessoa permanece alguns minutos em silêncio interior e exterior, apenas acompanhando a sua respiração e percebendo-se no lugar em que está. Isto significa que o *antahkarana* (o elo Eu-ego) está sendo fortalecido (o elemento do Eu é o silêncio, enquanto o ego é tagarelante, por natureza) e isto cria no corpo etérico – que atua como um órgão de consciência – uma disposição ao sutil. Por quê? Porque na pessoa dita normal o corpo etérico é totalmente consumido pela atividade nervosa do corpo físico – pensamentos, percepções, sensações, estresse, compromissos, ansiedades, cálculos do dia a dia, etc. Quando a pessoa medita e permanece consciente, mas silenciosa, aumenta a sua consciência do aqui e agora de olhos semicerrados, por exemplo, (a base da meditação é isto), ela solta o corpo etérico da

sobrecarga do sistema nervoso físico – ela se revitaliza também e, ao fazer isto, o Eu e o ego se aproximam. O corpo etérico, menos preso ao físico, mais solto, se conecta como uma antena ao sutil do universo no entorno. Só que diferente da mediunidade dionísica, que precisa às vezes de um transe ou de um semitranso, ou de um estado onírico, aqui, na condição meditativa apolínea, a pessoa está acordada, consciente, e munida de informações esotéricas sobre o seu estado, sobre o corpo etérico, *antahkarana*, Eu e ego. Ela sabe o que está fazendo, como está fazendo e por que e para que está fazendo, tem domínio do processo, diferente da sensibilidade dionísica na qual a pessoa é dominada pelo processo e muitas vezes até quer se livrar dele, mas não consegue. Sim, porque o aumento de percepção sutil nem sempre é agradável, pode ser um pesadelo para pessoas que percebem o que não querem perceber, como a presença dos mortos, por exemplo, ou sensações ruins de lugares ou presenças sutis. Aí isto pode ser confundido

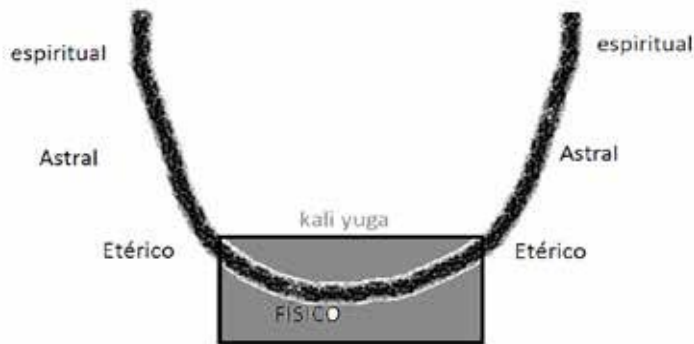
com loucura, surto psicótico – embora haja sim um parentesco entre todos esses fenômenos. É por isto que se fala em abertura de limiares após a Kali Yuga, em todas as correntes esotéricas de diferentes tradições. Há uma reaproximação evolutiva do Eu em relação ao ego, que começa depois do fim da Kali Yuga, e há também uma lenta ampliação do corpo etérico que aumenta o nível de percepção sutil das pessoas, mesmo das que nada sabem sobre tudo isto. Steiner dizia que haveria uma epidemia de psicoses e surtos depois do fim da Kali Yuga.

A KALI YUGA

Kali Yuga é uma das sete idades, ou estágios evolutivos pelos quais a consciência humana passou, ao longo da evolução do Homo Sapiens. Enumeram-se quatro Yugas ou Idades, mas na verdade são sete e correspondem ao que os gregos (Hesíodo) denominavam por Idade do Ouro, Idade da Prata, Idade do Ferro e Idade do Bronze. Os nomes originais (que advêm da tradição hindu) e sua correlação em sete são os seguintes:

- 1 – Satya Yuga original – ou Idade da Verdade
- 2 – Treta Yuga original – ou Terceira Idade (contando da Kali Yuga para antes)
- 3 – Dwapara Yuga original – ou Segunda Idade
- 4 – Kali Yuga – Idade da Escuridão (Kali é o demônio das trevas, e não a deusa Kali)
- 5 – Dwapara Yuga posterior
- 6 – Treta Yuga posterior
- 7 – Satya Yuga final

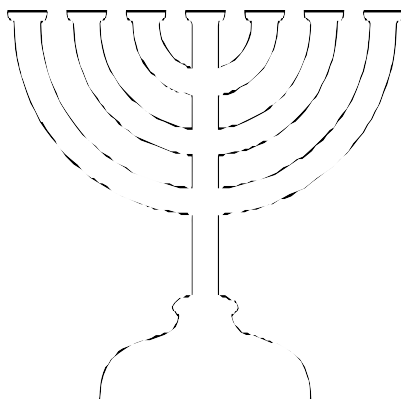
Esta correlação é uma cronologia simbólica que pode ser aplicada a diferentes dimensões de tempo, desde ciclos menores, como de uma semana, até ciclos imensuráveis, passando por ciclos inter- mediários. Sete é o número da criação, da manutenção e da trans- mutação que, desta forma, se subdivide em três momentos ($7 = 3$) e que podem ser assim representados:



Este modelo sete-três se aplica às encarnações do sistema solar inteiro (que são nomeadas por Rudolf Steiner na sequência Antigo Saturno, Antigo Sol, Antiga Lua, Terra, Futuro Júpiter, Futuro Vênus e Vulcano). O modelo também se aplica às suberas de cada encarnação do sistema. Assim, a fase Terra se subdivide em sete, nomeadas pela teosofia e assim mantidas por Steiner, a saber: Era Polar, Era Hiperbórea, Era Lemuriana, Era Atlante, Era Atual e as duas futuras. Este mesmo modelo ainda pode ser aplicado às setes sub-sub eras da Era Atual, às quais Steiner denomina por épocas culturais e os teósofos denominam por raças, a saber: Antiga Índia, Antiga Pérsia, Egito-Caldeia, Greco-Romana, Atual. A biografia de um ser humano, na visão oculta inerente à antroposofia de Rudolf Steiner, também pode ser analisada conforme o modelo de setênios e do ternário de momentos: encarnação, equilíbrio, excarnação. Este modelo é arquetípico e aparece

em diversos símbolos e imagens dos ocultistas, geralmente tendo como referência os sete planetas que, no caso, não são os planetas astronômicos, mas os sete arquétipos dos quais tudo no tempo e no espaço é constituído. Um destes símbolos é o *menorah* hebraico, no qual há sete braços do castiçal, sendo o primeiro conectado ao último, o segundo ao penúltimo e o

terceiro ao antepenúltimo, demonstrando assim a ideia de metamorfose.



O primeiro momento, constituído por três elementos, é o de descida do espiritual em direção ao físico. O segundo momento é o físico propriamente, onde se insere a Kali Yuga, e constitui

o eixo central do castiçal. O terceiro momento é o retorno ao espiritual, constituído por três elementos finais. A metamorfose do primeiro elemento se dá no sétimo. Isto significa que o sétimo é a transformação do primeiro e assim também com o segundo e o sexto sucessivamente.

GRANDE E PEQUENA KALI YUGA

Os textos sagrados purânicos da Índia, onde tais cronologias são descritas originalmente, se referem a uma grande e uma pe-

quena Kali Yuga (*Mahakaliyuga* e *Hynakaliyuga*). A grande seria todo o processo de materialização da Terra e do ser humano como um todo, os quais deixaram um plano de existência imaterial e assumiram uma condição material. Ainda

estamos nesta Grande Kali Yuga. A pequena refere-se a um lapso de tempo de cinco mil anos, iniciado em três mil antes de Cristo e terminado próximo ao século XIX, quando o nível de consciência material mais denso possível foi experimentado e posteriormente deixado para trás pela humanidade como um todo. A pequena Kali Yuga terminou, mas seus efeitos ainda persistem pela lei espiritual da inércia.

Desde a primeira Yuga – a Satya Yuga (a qual Hesíodo denomina Idade do Ouro) – a humanidade veio progressivamente perdendo a percepção dos seres e dos mundos sutis (em outros termos, a perda do Jardim do Éden bíblico). A cada Yuga o ser humano foi se identificando mais e mais com o mundo denso, com o seu corpo material, até que ele foi se tornando materialista. A Pequena Kali Yuga foi o máximo disto. Mas agora, a partir do século XIX, segundo diversas cronologias orientais e ocidentais, a Kali Yuga terminou. Isto significa que a humanidade como um todo entrou na Dwapara Yuga posterior, o que implica numa recuperação progressiva das percepções sutis antes perdidas. Gradativamente, nas próximas gerações, nos próximos séculos, as pessoas irão recuperando algo que tiveram em encarnações anteriores e não lembram mais agora: a percepção gradativa de seres e de fenômenos não materiais. Isto deve acontecer como um processo natural, evolutivo, mesmo sem esforço, das pessoas. A notícia ruim é que, como virá de forma meio caótica, inicialmente haverá uma epidemia de videntes caóticos, ou seja, os assim chamados psicóticos.

Fora isto, o final da Kali Yuga representa algo importante para os ocultistas: a recuperação gradativa da conexão do ser humano terreno com as realidades ocultas, de forma espontânea,

mesmo na grande massa de pessoas que não se dedicam a qualquer processo oculto ou meditativo. Esta mudança de estado de consciência implica no surgimento próximo futuro de novos paradigmas. O paradigma se constrói a partir do que as pessoas são capazes de perceber ou não. Se o nível de consciência da humanidade começa a mudar, as percepções se ampliam, e os paradigmas mudam. Não significa que a humanidade vai melhorar em termos de maturidade, de bondade, de sabedoria. O final da Kali Yuga só implica numa mudança de percepção com relação ao sutil do universo. A sabedoria, a bondade, a compaixão não surgem necessariamente com isto.

Às vezes vemos pessoas nos meios esotéricos dizendo que gostariam de perceber alguma coisa, mas se queixam que só conseguem o conceitual do estudo teórico. O ocultismo é rico em conceitos. Uma pessoa pode facilmente se embriagar intelectualmente deles e falsamente acreditar que está evoluindo em alguma direção. Em outros casos, algumas pessoas se sentem cansadas, entediadas quando se dão conta que apenas permanecem no conceitual teórico, anos e anos, sem que qualquer progresso ou vidência se manifeste, e deixam tudo de lado. Muitos passam a acreditar que qualquer experiência sutil não seja possível. Isto pode não ser bem assim, porque temos uma vida intuitiva interior na qual o Eu sutilmente diz coisas ao ego, envia mensagens, e mostra situações, pessoas e metas que interessam ao carma do ego. Qualquer pessoa que não seja materializada demais possui este grau de percepção sutil oculta entre o Eu e o ego – e pode ser que justamente esta forma intuitiva de clarividência sutil levou aquela pessoa a participar daquele grupo de estudo ou ler aquele livro, ter esta ou aquela intuição, buscar por aquele autor esotérico etc. Pode constituir uma semente do caminho apolíneo, ou então aquele tipo de intuição feminina própria do caminho feminino dionísico.

A genética ajuda ou atrapalha tanto o tipo dionísico quanto o tipo apolíneo de percepção sutil. Quando a pessoa tem uma genética desfavorável, ela perceberá esta dificuldade, terá que fazer um esforço extra de vontade para superá-la. A genética pode ser mudada pelo Eu, mas demanda muita força. Da mesma forma o gênero – ser mulher – facilita. E também a idade – ser criança

– facilita. O estilo de vida urbano dificulta, pode caotizar e determinar uma percepção tipo surto. Uma vida mais tranquila perto da natureza facilita os dois tipos, dionísico e apolíneo. O fato de uma pessoa ser materialista não impede que os limiares dela se abram, mas com a desvantagem da ideologia materialista, as impressões sutis surgirão dentro dela de forma caótica – ela sentirá que está surtando. Uma pessoa muito mística e ligada de forma sentimental à religiosidade exotérica, mas que não tem a consciência meditativa presente nem senso de objetividade pode passar por experiências caóticas, de sensações, de luzes e anjos subjetivos, ou demônios, e interpretará isto tudo conforme a sua religião ensina – e também parecerá um surto para quem a observa.

Sim, é isto mesmo. Por isto o iniciado hindu Vivekananda, quando foi ao Ocidente no final do século XIX, respondeu ao americano que perguntou para ele se Deus existia: “Estou aqui diante de Deus me perguntando se Deus existe.” A autopercepção, não como ego (isto é fácil e natural), mas como um Eu, é uma forma de clarividência. Toda pessoa tem esta percepção sutil mínima, mesmo os muito obtusos. Na medida em que a pessoa pratica um cultivo interior e vai ficando uma alma velha, de encarnação a encarnação, o *antahkarana* aumenta e esta percepção junto. Mas também pode (e deve) aumentar a percepção dos recônditos mais ocultos do ego – este é o chamado “limiar para dentro”.

Rudolf Steiner aponta para algo bem interessante: o fato de nós podermos reconhecer outro ser humano como outro Eu – e

não como um objeto (como os mais obtusos percebem) – é também uma forma de clarividência mínima.

Existe o Cristo interno, que é sinônimo do Eu, e o Cristo Cósmico, que é uma entidade divina de onde saiu o equivalente interno muitas eras atrás. A percepção de um pode não estar atrelada à percepção do outro, necessariamente. Como a Kali Yuga chegou ao final e entramos em outra Idade, as pessoas podem começar a ter percepções sutis do Cristo interno (do próprio Eu, portanto) ou do Cristo Cósmico na Natureza – “percepção do Cristo etérico”, segundo Rudolf Steiner. Uma pessoa pode ter um vislumbre do Cristo Cósmico sem ter um despertar do Cristo interno, ou o contrário, ou ambos ao mesmo tempo e sincronicamente. O ideal é esta percepção atrelada sincrônica, e o mais ideal ainda é que isto seja concomitante a um processo consciente de iniciação, de esclarecimento espiritual. Aí acontece aquela experiência denominada pela alquimia antiga *Unus Mundus* ou o *Samádhi*, na sabedoria oriental, que às vezes se expressa assim “Eu sou o Eu sou”.

A percepção do Cristo, ou Logos, ou outro o nome que se queira, não é exclusivamente vinculada à figura de Jesus. Não se deve confundir Cristo com Jesus de Nazaré, que foi um grande e muito sagrado iniciado, mas não o próprio Cristo, que é uma divindade. Este vínculo Cristo-Jesus, quando existe, foi criado pela própria pessoa por conta de sua educação religiosa, algo que é cultural e subjetivo. Cada um, condicionado por sua educação religiosa, pode representar em sua mente a figura do Cristo como sendo Buda ou Krishna ou Allá ou Iavé ou, se for um indígena, o Grande Búfalo ou Mawutsini, ou Oxalá do africano. Esta é uma diferença entre uma clarividência alta e baixa: na alta a pessoa consegue desfazer seus vínculos culturais condicionantes e ver o Ser como Ele é, sem os apetrechos e vestes culturais humanos.

Esta “visão de Deus como Ele é” está num dos capítulos do *Bhagavad Gita*, um dos mais belos: Ele é maravilhoso e assustador, Ele é todos os deuses e deusas, Ele é o trovão e a montanha, o mar e o infinito, o tempo e o espaço, o pleno e o vazio, Ele sou Eu e Eu sou Ele... Na clarividência mais baixa o vidente ainda condiciona o que percebe à sua educação e formação cultural, à sua tradição, e assim vê simplesmente Cristo sob a forma de Jesus, de Buda ou de Krishna, ou de Mawutsini. Esta forma subjetiva do divino se chama, na tradição indiana, *Ishta Devata* (a forma de Deus escolhida), que os iniciados mais altos transcendem.

As pequenas intuições e sextos sentidos, como pensar num número o sonhar e daí ganhar na loteria, o *deja vue*, por exemplo, são formas mais básicas de percepção sutil. Então você vê que as pessoas são bem mais clarividentes do que geralmente pensam que são e quando a pessoa pratica meditação, isto aumenta umas dez vezes.

A CRÔNICA DO AKASHA

A assim chamada *Crônica do Akasha*, ou memória cósmica, tem também outros nomes. Um nome antigo é O Livro do Mundo, ou Livro da Natureza, ou Livro de Seth ou, na tradição oriental, Kalachakra. Na tradição hindu, Ganesha, o deus com cabeça de elefante, personifica a crônica akhásica, a memória cósmica que nada deixa de registrar. Ganesha tem na testa o tridente do seu pai, Shiva, que representa o passado, o presente e o futuro. Ganesha tem apenas uma presa, em sua cabeça de elefante, porque a outra ele mesmo a retirou para usar como pena, com a qual escreve tudo.

Akasha é uma concepção iniciática da corrente indiana *samkhya* que significa o espaço vazio, mas cheio de mente e cons-

ciência. A palavra *akasha* significa que não há vazio ou nada no espaço infinito ao redor e através de nós. Tudo é preenchido de consciência, e esta consciência tem memória. Consciência significa também memória. Portanto, o espaço ao redor e através de nós se lembra, registra, memoriza tudo, mesmo pensamentos, desejos e sentimentos, além de ações e acontecimentos. Como o espaço infinito dentro do qual estamos é constituído de três níveis – etérico, astral e espiritual – esta consciência é tríplice ou quádrupla, porque o nível material do espaço também tem a sua forma de consciência que são as leis físicas, da química e da física materiais, que conhecemos. Assim, o espaço etérico registra sua memória *akashica*, bem como o espaço astral e o espaço espiritual. Se um clarividente tem acesso ao espaço etérico, ele vê (na verdade vê, ouve, cheira, degusta, tateia, sente) a memória etérica de tudo que ali foi registrado. Cada espaço sutil tem o registro local e também o registro mnemônico do universo inteiro, ficando mais inacessível na medida em que aumenta. Se o clarividente tem acesso ao espaço astral, ele vê o *Akasha* astral, e deste, o *Akasha* espiritual. O nível de profundidade, amplitude e precisão é menor no *Akasha* etérico, intermediário no *Akasha* astral e superior no *Akasha* espiritual. Muitas pessoas mediúnicas podem ter acesso ao *Akasha* etérico e podem assim sentir coisas que aconteceram, ou acontecerão, ou sentimentos, como se fosse uma visão onírica, uma imagem de sonho. Eu conheci um pajé indígena que podia entrar num estado de transe como um sono, induzido por cânticos e o fumo mágico. Ele descrevia como podia sair do seu corpo e viajar até o passado de um lugar e vivenciar, fora do corpo, o que teria acontecido em determinado lugar em determinado tempo. Ele voltava ao corpo e então descrevia o que havia visto. Neste caso, a viagem fora do corpo do pajé significa não apenas uma viagem no sentido espacial, mas uma viagem temporal. Isto é possível quan-

do os nossos corpos sutis, etérico e astral, entram em comunhão com seus respectivos planos sutis, etérico e astral, e assim fazem a leitura do que ali existe registrado. Esta leitura aparece na alma do viajante astral como imagens oníricas, como um sonho mais lúcido. E não seria raro imaginarmos que muitas pessoas fazem isto durante seu sono, sem que o saibam.

A clarividência e a iniciação dependem da abertura dos chacras?

Quanto aos chacras, temos os do corpo etérico e os do corpo astral. Eles são interligados, e todos os tipos de percepção sutil dependem desta interligação e dinâmica entre os dois tipos de chacras. Algumas pessoas nascem com um ou outro chakra mais ativo – eles giram mais rápido do que o normal – o que lhes dá algum grau de sensibilidade inata, pode ser até genético. No processo apolíneo de iniciação, a pessoa voluntária e exaustivamente vai se exercitar para que todos os seus chacras acelerem o movimento e se ativem. Pode passar uma vida inteira tentando isto e conseguir alguma coisa, ou pouco, ou nada, ou tudo... Depende. Quando os chacras aceleram, todos os fluxos do corpo etérico também respondem e mudam e é isto que cria um aumento de percepção sutil geral no corpo etérico, que assim se torna um órgão de percepção total, corporal.

Os chacras não têm exclusivamente relação com a vida e a transformação iniciática. Eles são elementos importantes na fisiologia do corpo físico e nos estados de consciência que vivenciamos durante a vida terrena. Os chacras mais abaixo do tronco se relacionam com a vida mais instintiva e com os órgãos abdominais; o chakra do meio do tronco se relaciona com a vida afetiva autoconsciente, a amorosidade, a respiração e o

força do caráter e da fala e com a sabedoria. Também com relação aos sete chacras podemos aplicar aquele modelo imagético do se- te-três do *menorah*. Entretanto, os chacras não se resumem nestes sete. Há muitos outros chacras secundários.

Qualquer conhecimento só se torna iniciático se mudar a pessoa, mudar sua estrutura dos chacras, etérica e astralmente, e a relação entre o seu ego e o seu Eu. Se alguém lê tudo sobre ocultismo se torna muito bem informado sobre o assunto, e nada mais, se apenas tem conceitos na cabeça (do ego) não necessariamente está se transformando. Jung alertava para este perigo, que chamou de inflação do ego: o ego começa a estudar coisas esotéricas e começa a se achar divino ou em crescimento porque assimilou informações e conceitos elevados, e aí começa a se achar também elevado e ter parte com o Divino, quando na verdade continua imaturo, mesquinho e dominante. É um dos desvios possíveis no campo do ocultismo. A meditação é uma disciplina, um esforço tremendo de reestruturação, e é imprescindível. Inflação do ego é o que mais se vê. Cada um deve escolher o tipo de meditação que mais se harmoniza com o seu jeito de ser e com o seu caminho, mas nenhuma delas libera o indivíduo de esforço, e de plena disciplina e dedicação. Não há caminho cômodo para urbanos preguiçosos, acostumados a ligar e desligar a TV com um controle remoto, ou subir de elevador ao primeiro andar para evitar a escada e este tipo de mentalidade.

Ocultismo seria o mesmo que Iniciação?

Não exatamente. Uma pessoa pode estudar teoricamente textos sobre ocultismo e não necessariamente estar se subme-

tendo a um processo iniciático. Todavia, o conhecimento oculto pode ter um efeito otimizador sobre o crescimento anímico denominado iniciação. Ele serve para isto.